

PLANO REAL

A indústria aprova o Plano Real, revela pesquisa divulgada por Carlos Eduardo Moreira Ferreira (foto), presidente da Fiesp. Mas os industriais reclamam que tiveram de baixar os preços e reduzir os lucros.

Nesta página



Edu Garcia/AE



Mabel Feres/AE

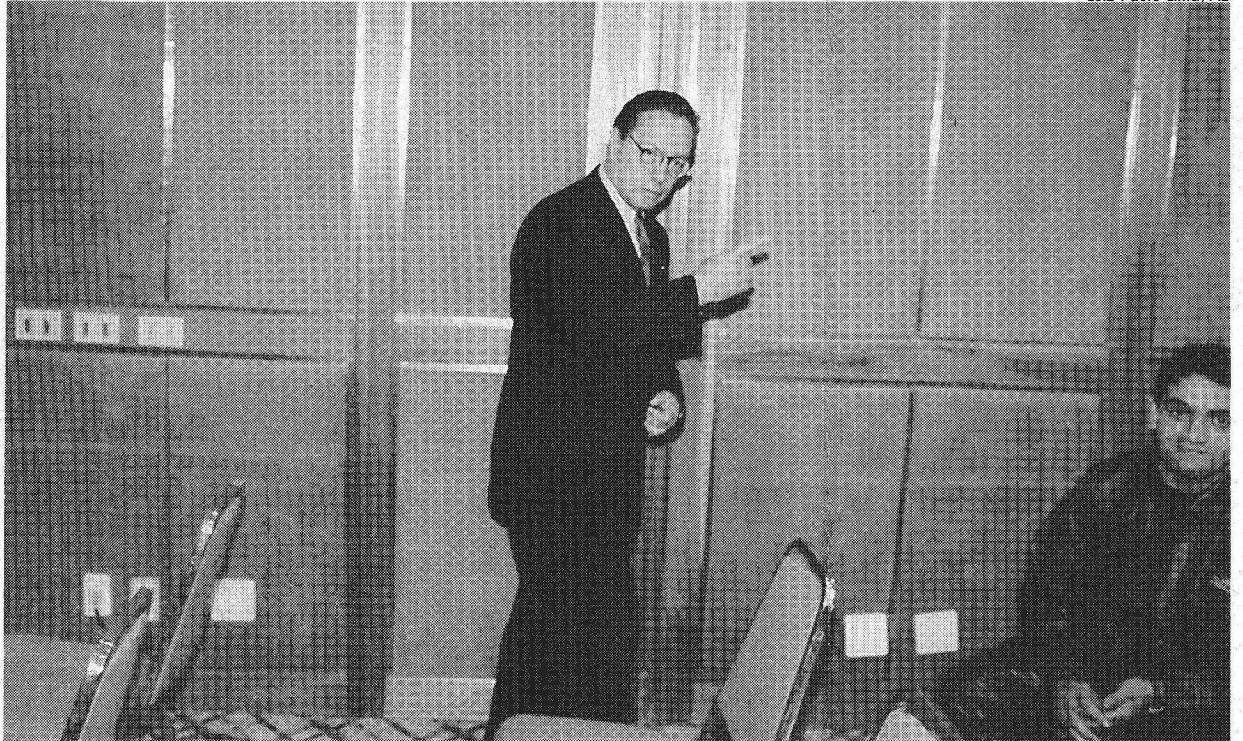
FENIT

A 45ª Fenit (foto) terminou ontem, no Parque Anhembi, injetando uma dose de otimismo na indústria têxtil. Os expositores calculam fechar negócios de US\$ 12 bilhões, o melhor resultado dos últimos 5 anos.

Pag. 11

Expansão sem inflação, prevê Malan

EM SEMINÁRIO SOBRE OS DOIS ANOS DO PLANO REAL, MINISTRO PROMETE CRESCIMENTO DE 5% EM 97, SEM DEIXAR PREÇOS SUBIREM



Luiz Paulo Lima/AE

Pedro Malan: inflação mais baixa nos próximos anos e expansão econômica

Economia - Brasil

↓

O Plano Real vai garantir expansão econômica de 5% e taxa de inflação ainda mais baixa do que a deste ano, que deve ficar entre 12% e 13%. Foi o que disse o ministro da Fazenda, Pedro Malan, em um seminário em São Paulo sobre os dois anos do Real, que se completam na segunda-feira. "Em 1997, a taxa de inflação será mais baixa e em 1998, menor ainda."

Malan disse que não aceita as críticas de que a única preocupação do governo até agora tem sido controlar a inflação. O ministro reafirmou que essa é a prioridade, mas não vê incompatibilidade entre o controle da inflação e o crescimento sustentado da economia — este, segundo ele, o segundo grande objetivo do governo. "Os dois se reforçam mutuamente."

Para Malan, é um "equívoco esquecer da inflação para tratar de outros problemas". A meta, frisou o ministro, é ter crescimento econômico maior baseado em uma taxa de poupança e redução do déficit público. "A batalha não está ganha."

O diretor da área externa do Banco Central, Gustavo Franco, também frisou a necessidade de se reduzir o déficit público. Foi uma resposta às críticas feitas pelos economistas Shavid Burki, do Banco Mundial (Bird), e Sebastian Edwards, da Universidade da Califórnia, que publicaram um relatório criticando a forte deterioração fiscal ocorrida no Brasil em 1995.

Gustavo Franco disse que o governo sabe "perfeitamente" que não é possível viver com um déficit público igual ao de 95, que, segundo ele, foi de 7% do PIB. Em almoço de comemoração pelos dois anos do Real, no Rio, ele ressaltou que a intenção é reduzir esse volume "substantialmente" em 96.

"Olhando 1995, a situação é

preocupante", admitiu Franco. O diretor do BC disse que o governo deve fechar o ano com déficit de 4,5% do PIB — algo em torno de R\$ 29,25 bilhões. Em 95, o déficit foi de R\$ 45 bilhões a R\$ 50 bilhões.

Entre as medidas já tomadas para reduzir o déficit, Franco citou a não concessão de reajuste ao funcionalismo público e os programas de apoio da Caixa Econômica Federal (CEF) e do BNDES aos Estados comprometidos com programas de austeridade. Na área federal, disse o diretor, ainda é necessário que haja eficiência gerencial, lembrando que o ajuste fiscal não depende apenas de uma reforma, mas do controle "da caneta do governo".

O presidente do Banco Central, Gustavo Loyola, também saiu em defesa do futuro do Real, ontem, em São Paulo. Em palestra durante café da manhã promovido pelo Banco Pontual, ele reiterou que o governo não vai pou-

par esforços para a retomada do crescimento econômico este ano — desde não sejam comprometidas as metas para as contas públicas e a inflação. A "receita de bolo" do governo, afirmou, é dar seqüência ao programa de privatizações e usar a política monetária (juros) para garantir a continuidade do plano.

Malan citou "a expressiva queda nas taxas de juros", iniciada em setembro de 1995, como um dos feitos do Real. Segundo o ministro da Fazenda, a tendência é de queda este ano, mas ele ressaltou que é ingenuidade pensar que um país como o Brasil, depois de anos de inflação e de seis planos econômicos fracassados, possa ter em um ano taxas de inflação iguais às do Japão e da Alemanha. "Isso não acontece num estalar de dedos."

**Sueli Campos, Carlos Dias
e Cláudia Schüffner**